



Retrato amarelado de uma realidade que enegreceu

Síntese: *Os números do PIB no terceiro trimestre marcam o ápice de uma era e o ponto de início de um tombo que se alastra com vigor pela economia. Pesquisas que já captam o período posterior a setembro mostram que as contratações despencaram, as linhas de produção desaceleraram e a confiança quanto ao futuro esmoreceu. A indústria mostrou que já sofreu o baque: a maior parte dos ramos apresentou desempenho negativo em outubro. O mercado de trabalho sofre os efeitos: em 2009, o exército de brasileiros à procura de emprego deve voltar a superar 2 milhões de pessoas. Até agora, o governo Lula optou por um otimismo irrealista, mas tem diante de si um período de desafios, em que os largos benefícios concedidos nos últimos meses começarão a cobrar a conta.*

O retrato do PIB exibido pelo IBGE neste mês é um instantâneo vistoso da economia brasileira. Os resultados do terceiro trimestre contêm marcas históricas, mas vêm acompanhados da triste constatação de que capturam o apogeu de um período, atingido sob impulso da mais longa fase de bonança econômica que o mundo atravessou em décadas. A realidade que se interpôs desde setembro esmaeceu as cores da fotografia e a tornaram espantosamente amarelada num curtíssimo espaço de tempo.

A velocidade da reversão do quadro é extraordinária e transformou em folclore o complexo de Poliana que acomete o governo Lula desde a eclosão da crise internacional. Também reduziu a crença tola a propalada “teoria da marolinha”, cunhada não tão no início da débâcle pelo presidente da República, segundo quem seríamos uma ilha de prosperidade a salvo da tempestade global. Fato é que praticamente todos os números revelados de setembro para cá indicam um cenário problemático – em alguns casos, profundamente problemático.

Efeito imediato

O mais doloroso é o que espelha o corte de vagas no mercado de trabalho. A lista de dispensas inclui pesos pesados como a Vale, a maior multinacional genuinamente brasileira, e espraia-se por construtoras, fábricas, bancos e um sem-número de segmentos. O tamanho do estrago causado pela crise foi avassalador e imediato: já em outubro, dos 25 setores pesquisados mensalmente pelo Ministério do Trabalho, em 11 as demissões superaram as contratações. Embora ainda positivo, o saldo de admissões foi 70% inferior ao do mesmo mês do ano passado: foram apenas 61 mil novas oportunidades no período.

Estima-se que, até o fim do ano, cerca de 13 mil pessoas terão sido demitidas no país em razão da crise. Some-se a isso as empresas que ainda não dispensaram seus funcionários, mas já os colocaram na ante-sala do desemprego, as férias coletivas. Infelizmente, no próximo ano o número de desempregados deve crescer muito mais. A previsão é de que o exército de desocupados volte a superar 2 milhões de pessoas ao longo de 2009. Hoje, segundo dados do IBGE, existem 1,8 milhão de brasileiros procurando emprego nas seis maiores regiões metropolitanas do país. Já se trabalha com a hipótese

de que a este contingente se somem pelo menos mais 365 mil ao longo do próximo ano. Trata-se de algo ainda mais dramático quando se sabe que 2,4 milhões de jovens deverão estar ingressando no mercado nos próximos 12 meses.

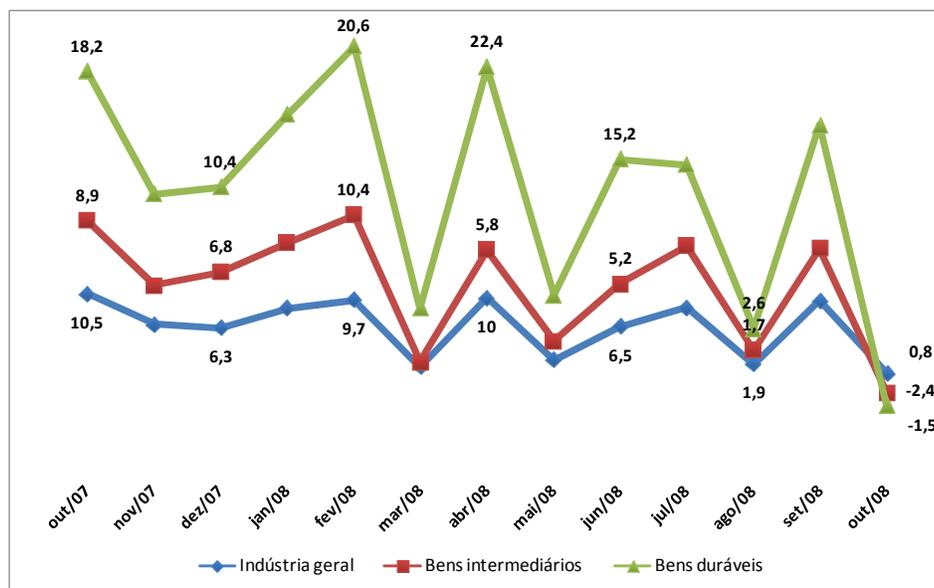
Indústria em queda

Se a maior parte das estatísticas conjunturais apenas começou a captar a deterioração no ambiente produtivo, as informações setoriais já vão dando contornos mais bem definidos a um panorama bastante negativo – se pouco ou muito, ninguém ousa por ora afirmar. Tome-se o caso da construção civil, que foi o principal motor a impulsionar o investimento – e conseqüentemente o PIB – no terceiro trimestre, conforme mostraram as contas nacionais do IBGE. O número de contratações caiu de 42 mil em agosto para menos de 6 mil em outubro. Hoje o ritmo de dispensas no setor é de 130 por dia; antes da crise, eram 150 por semana.

A queda no desempenho da construção reflete a abrupta redução no crédito disponível, componente que impeliu a última onda de crescimento da economia brasileira. Este mesmo fator levou as vendas de automóveis a cair quase 26% em novembro, quando comparadas a outubro último. Nestes dois meses a produção de veículos reduziu-se praticamente à metade. Hoje 50 mil trabalhadores estão em férias coletivas nas montadoras.

Produção industrial

(Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior, em %)



*Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal, outubro/2008. Segmentos selecionados.

Se estes indicadores permitem ver o estrago nas partes, outra pesquisa do IBGE possibilita dimensionar suas conseqüências no todo. O levantamento sobre a produção física industrial em outubro mostrou que o setor cresceu apenas 0,8% em relação ao mesmo mês de 2007. Foi a menor taxa, nesta base de comparação, desde dezembro de 2006. Coração do setor secundário, a indústria de bens intermediários obteve seu pior resultado desde março de 2002: -2,4%. Bens de consumo duráveis, que englobam itens como automóveis, geladeiras e fogões, também retrocederam 1,5%.

Perda de confiança

Mas, entre todos, o segmento com pior desempenho foi o de "outros produtos químicos", com queda de 11,6% sobre setembro último (nesta base, a média geral da indústria foi de -1,7%). Nele estão inseridas as linhas que fabricam insumos para o agronegócio, como herbicidas, adubos e fertilizantes, que apresentaram queda em torno de 30% no período. Não por acaso, este foi um dos primeiros setores a sentir reflexos imediatos da crise, conforme discutido no [número anterior](#) deste *Brasil Real – Cartas de Conjuntura ITV*.

A avalanche de indicadores negativos solapou o ânimo de empresários e investidores, o que pode fazer com que o próximo ano seja ainda mais difícil do que hoje se permite antever. O nível de confiança dos industriais está em seu menor nível desde julho de 2003, com queda de 30% desde agosto, segundo a Fundação Getúlio Vargas. Enquanto a disposição para investir e consumir não for recuperada, a economia como um todo ficará andando de lado. Retração no atual e no primeiro trimestres de 2009 já é algo esperado, o que, tecnicamente, configurará uma recessão no país.

Diante desse quadro, o mínimo que se espera do governo Lula é que trate a crise com o realismo que ela exige. As vãs manifestações de otimismo de nada servem quando se mostram cada vez mais distantes da realidade palpável. Talvez seja uma maneira de turvar o que está por vir, ainda mais quando se sabe que a administração federal contratou gastos e obrigações crescentes – e, a esta altura, inarredáveis – para os próximos anos. Se só o governante não vê que tudo piora, o problema está nele. Isto só serve para tornar a terapêutica mais tardia e o remédio mais amargo.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br